



# I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL

## 30 e 31 de agosto de 2018

**“O QUE REPELE POR SUA NATUREZA É DEMASIADO FAMILIAR”:** Um estudo sobre o conceito de *Unheimlich* na teoria psicanalítica e sua importância na análise do fascismo

Rafael da Silva Shirakava; Gustavo Henrique Dionísio:  
[rafael.2015.shirakava@gmail.com](mailto:rafael.2015.shirakava@gmail.com); [gustavohdionsio@gmail.com](mailto:gustavohdionsio@gmail.com)

**UNESP – Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho” – Campus Assis**

### Resumo

A presente pesquisa parte do campo teórico da psicanálise freudiana para entendermos a problemática do fascismo, principalmente no que concerne ao conceito de *Unheimlich* (inquietante-estranheza). Tal categoria possui expressiva relevância para o estudo do fascismo uma vez que esta diz respeito a uma reação dos sujeitos diante daquilo (ou daquele) que é diferente, que “escapa à norma”, de algo estranho, que “repele por sua natureza” e que, na verdade, “é demasiado familiar”. Nesse sentido, Freud nos mostra como o fascismo contém um lado subjetivo, psíquico, na medida em que ele formula sobre a impossibilidade de amarmos alguém com quem não nos identificamos, tal como encontramos em *O mal-estar na civilização* e sobre a psicologia grupal na qual a identificação aparece como principal tema. Tais formulações também são abordadas pela Teoria Crítica da Sociedade, principalmente pelos teóricos Theodor Adorno e Max Horkheimer em seus ensaios de psicologia social, estudos sobre a personalidade autoritária, críticas à ideologia e panfletagem fascistas nos Estados Unidos durante o exílio nas décadas de 30 e 40, assim como nas décadas de 50 e 60 no retorno à Alemanha. Dessa forma, buscamos articular o conceito de *Unheimlich* com os estudos da Teoria Crítica para compreendermos sua emergência tanto psíquica quanto política na tentativa de situarmos o problema para discutirmos possibilidades de dissolução da figura de estranheza e possíveis intervenções.

**Palavras-chave:** Psicanálise; *Unheimlich*; Teoria Crítica.



# I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL

## 30 e 31 de agosto de 2018

### Introdução

O presente trabalho tem como objetivo principal situar a psicanálise freudiana na compreensão do fenômeno do fascismo articulando-a com a Teoria Crítica da Sociedade, a Escola de Frankfurt, em dois autores de sua primeira geração, a saber, Theodor Adorno e Max Horkheimer. Aqui, almejamos estudar o fascismo não como um fenômeno meramente histórico, político ou econômico tal como feito pelo “marxismo ortodoxo”, mas compreendê-lo enquanto emergência psíquica. Trata-se de abordar questões que as teorias econômicas e sociais não conseguem responder satisfatoriamente, por exemplo: *Como é possível que sujeitos esclarecidos se tornem membros de movimentos fascistas? O que é mobilizado na subjetividade dos indivíduos que os fazem “cair de joelhos” diante de lideranças autoritárias?* Dessa forma, o fascismo não pode ser analisado somente como um movimento político produzido apenas em determinados momentos da História Contemporânea – trata-se de uma “sombra que ronda a civilização”, na qual os monumentos de cultura transmitem seus elementos de barbárie (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 17) e que, de formas multifacetadas, ressurge na atualidade denotando que aquilo que ainda produz as condições para a exclusão do estranho/estrangeiro ainda permanece, deixando pelo menos alguma questão a ser respondida: *O que é possível fazer?*

### Procedimentos metodológicos

Tendo esse horizonte esboçado, o conceito de *Unheimlich* trabalhado por Freud em seu ensaio de 1919, *O estranho*, nos auxilia a entender as motivações que impelem os indivíduos em grupos odiarem aqueles que estão no exterior da coletividade. Contudo, precisamos apontar que não é apenas esta categoria que atravessa nossa pesquisa, mas uma quantidade considerável de conceitos da teoria psicanalítica, principalmente a metapsicologia. Além disso, buscaremos entender, ainda numa perspectiva psicanalítica, como se constitui a subjetividade dos indivíduos na civilização. Tal empreendimento se mostra relevante tendo em vista que os pensadores frankfurtianos lançam mão da teoria psicanalítica na análise dos fenômenos sociais. Assim, obras como *Totem e tabu*, *O futuro de uma ilusão*, *O mal-*



## I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL 30 e 31 de agosto de 2018

*estar na civilização, Psicologia das massas e análise do eu, Moisés e o monoteísmo*, as chamadas “obras sociais” ou “psicanálise vínculo social” (ENRIQUEZ, 1990), assumem papel significativo em nossa investigação.

Posteriormente, partiremos para análise do *Unheimlich* nas obras de Adorno, cuja intenção é conceituar o estranho também enquanto fenômeno social artificialmente produzido, sem deixar de levar em consideração sua esfera psíquica neste processo. Como é sabido, Theodor Adorno, muitas vezes em parceria com Max Horkheimer, fez uma profunda reflexão sobre o fascismo detalhando as técnicas psicológicas utilizadas pelos agitadores de massa no sentido de produzir artificialmente a estranheza e a oposição entre grupos (*in-group/out-group*) de maneira a possibilitar a canalização de impulsos agressivos contra os “inimigos de plantão”. Dos trabalhos de Adorno a respeito do tema podemos citar: *Dialética do esclarecimento, A personalidade autoritária, Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista, Antissemitismo e propaganda fascista, Liderança democrática e manipulação das massas*. Por fim, referente às (certo) possíveis intervenções, lançaremos mão de alguns textos de Adorno sobre a possibilidade de dissolução da figura de estranheza, bem como ensaios que encaminhem para uma psicologia social “analiticamente orientada” (ADORNO, 2015, p. 72) como *Sobre a relação entre sociologia e psicanálise, A psicanálise revisada, Observações sobre política e neurose, Tabus sexuais e direitos hoje, O que significa elaborar o passado e Educação e emancipação*.

### **Resultados e Discussão**

Para os referidos pensadores da primeira geração da Escola de Frankfurt, a indústria cultural, a vida danificada, a semiformação (*Halbbildung*), o tempo livre como extensão do trabalho, a perda da autoridade familiar, dentre outros fatores, constitui uma constelação de elementos que auxiliam na construção de um pensamento rígido, cuja capacidade de reflexão torna-se rarefeita. Nessa condição, o sujeito se petrifica, uma vez que é incapaz de pensar sobre si mesmo e as condições sociais da sociedade administrada do capitalismo tardio, na qual “[...] as relações sociais de dominação cedem lugar a um domínio pela manipulação



## I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL 30 e 31 de agosto de 2018

tecnológica” (ZIZEK, 1991, p. 37). Tais apontamentos são significativos para entendermos a maneira como a cultura cria uma “sensação de claustrofobia” nos indivíduos oriunda de um “véu tecnológico” que incide sobre suas relações reduzindo-as a instrumentos de trocas, seguindo, com isso, a lógica de funcionamento mercantil. Por isso, para Adorno, é possível falar de uma sensação “claustrofóbica” no mundo administrado, uma vez que este impede os indivíduos de “escaparem” à ideologia do capitalismo tardio, tornando-os, desse modo, incapazes de qualquer tipo de reflexão que extrapole as regras de manipulação técnica (ADORNO, 1995, p. 122).

Com isso, as mobilizações promovidas pelos agitadores fascistas se tornam como “atrativo” para a vida entediante e sem sentido para aqueles que, inevitavelmente, precisam se adequar à rotina do mundo administrativo. Nesse contexto, os discursos autoritários são constituídos por denúncias sem fundamentos concretos e deslocados de qualquer sentido factual. Nessa agitação, os ditos “civilizados” são vistos como estando sob ameaça por aqueles que “pensam demais”, “corrompem os valores da família”, “que não trabalham direitinho” etc.

Nossa hipótese, partindo da teoria freudiana, é que tais ações se apresentam como um medo irracional frente ao “perigo de um outro” que não só habita o mundo externo, mas que também é interno, “o outro em nós mesmos”, de um estranho-familiar, *Unheimlich* (FREUD, 1970, p. 197), pois incapazes de pensar sobre si mesmos, os indivíduos apenas projetam enquanto a dúvida é descartada já que esta substitui o cálculo objetivo e racionalizado de meios e fins. Desse modo, percebendo a necessidade de sua renúncia em prol da civilização, da troca de liberdade pelo quinhão de segurança, o indivíduo sente-se incomodado frente ao estranho-familiar (FREUD, 1974, p. 52) que, por sua vez, representa a personificação de uma “dúvida” que os ditos civilizados só a fariam a muito custo: *podemos ser felizes de outro modo?* É nesse sentido que o líder fascista, ao delimitar quem são “irmãos” e quem são “excluídos” (“os outros”, “os de fora”), consegue mobilizar uma parcela dos impulsos recalçados dos integrantes do grupo justamente porque promove a ideia de que os “sujos”, os “laranjas podres” da sociedade não se sacrificam pelo “bem comum” como os “cidadãos de bem”. O conceito de *Unheimlich*, nesse sentido, nos



# I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL

## 30 e 31 de agosto de 2018

ajuda entender as motivações psíquicas que levam os sujeitos a reações violentas contra minorias socialmente produzidas, bem como a adesão dos indivíduos em movimentos autoritários.

### Conclusões

A partir do que expusemos até o momento, ainda mais por se tratar de uma pesquisa em desenvolvimento, podemos afirmar a necessidade urgente de debate acerca da produção social da estranheza, ou seja, da criação e categorização de indivíduos considerados “estranhos”, principalmente diante do cenário atual em que há ascensão de regimes de direita na América Latina e Europa, bem como práticas de apagamentos de alteridade agenciadas pelos Estados, asseverando, com isso, aquilo que Benjamin em suas teses *Sobre o conceito da História* afirmava sobre o “estado de exceção” ser uma regra geral e que pode ser confirmada na análise da tradição dos oprimidos (1994, p. 226). Entender tais movimentos é uma das maneiras que ainda podemos utilizar para não permitir, seguindo um imperativo adornoiano, a repetição de Auschwitz. Uma pesquisa como esta, a nosso ver, pode ser como uma *mensagem na garrafa* que lançamos ao mar na esperança de que alguém a compreenda para refletirmos a gravidade do problema esboçado e, com isso, possibilitar debates e possíveis formas de intervenção.

### Referências:

- Adorno, T. (2015) *Ensaio de psicologia social e psicanálise*. São Paulo: Editora Unesp.
- Adorno, T. (1995). *Educação e emancipação*. In: Educação e emancipação. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Adorno, T. & Horkheimer, M. (2006) *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Enriquez, E. (1990) *Da horda ao estado: psicanálise do vínculo social*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Freud, S. (1970) *O estranho*. In: História de uma neurose infantil. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Volume XVII. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1974) *O mal-estar na civilização*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago.
- Zizek, S. (1991) *Eles não sabem o que fazem: o sublime objeto da ideologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.